

SABERES AGROECOLÓGICOS NA FRANJA METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE: uma resistência à globalização hegemônica

AGROECOLOGICAL KNOWLEDGE IN THE METROPOLITAN AREA OF BELO HORIZONTE: resistance to hegemonic globalization

SABERES AGROECOLOGICOS EN LA FRANJA METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE: resistencia ante la globalización hegemónica

Matheus Rodrigues Moreira

Mestrando em Educação e Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – IGC/UFMG.
mrmoreira2019@gmail.com / <http://lattes.cnpq.br/2421022985345719>

Virgínia de Lima Palhares

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora do Departamento de Geografia e Instituto de Geociências – IGC/UFMG.
palhares.vi@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0003-0027-1866>

Recebido para avaliação em 27/06/2019; Aceito para publicação em 04/01/2020.

RESUMO

A globalização do capital é um fenômeno que tem despertado, em distintas localidades, resistências aos seus desmontes e transformações, assim como a emergência de práticas e tradições que constroem a cultura local. A Feira agroecológica Raízes do Campo, sediada na cidade de Jaboticatubas - Vetor Norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte -, emerge na contramão dos avanços dessa globalização, valorando os saberes locais e construindo formas alternativas de economia e socialização que subvertem a lógica hegemônica do sistema capitalista. Dessa forma, a feira emerge como lugar de luta política e manifestação cultural, não só a partir da resistência dos e das feirantes, mas também dos apoiadores, na valorização da produção local, dos saberes tradicionais, tornando-se potência como globalização contra-hegemônica. Nosso trabalho é construído através da pesquisa-ação, trabalho de campo e das pesquisas bibliográficas, buscando responder nossas questões acerca da surgência de lugares de resistência e cultura a partir da Feira Raízes do Campo e da possibilidade de uma globalização contra-hegemônica através dos trabalhos da Associação Amanu.

Palavras chave: Agroecologia; Feira; Resistência.

ABSTRACT

Capital's globalization, in many places, is a phenomenon that has aroused resistance to its transformations, as well as revealed the emergent necessities of practices that enhance local culture. The agroecological fair Raízes do Campo held in the city of Jaboticatubas - north of Belo Horizonte – appears to be going the opposite direction of globalization: they value local knowledge and build alternative ways of economics and socialization that subvert the logics of the hegemonic capitalist system. Therefore, the fair presents itself as a place of political struggle and cultural practices. It is so not only because of the fair workers' resistance, but also due to the presence of fair sponsors and the valuation of local products as well as traditional knowledge, and that turns the fair into a counter-hegemonic power. This study was carried on through research-action, fieldwork, and bibliographical research trying to answer questions about the upwelling of places of resistance

and culture from the Raízes do Campo fair and the possibility of a counter-hegemonic globalization through the works of Amanu Association.

Keywords: Agroecology; Fair; Resistance.

RESUMEN

La globalización del capital, en muchos lugares, es un fenómeno que ha provocado resistencia ante sus transformaciones, y ha revelado las necesidades emergentes de prácticas que valoren la cultura local. La feria agroecológica Raízes do Campo realizada en la ciudad de Jaboticatubas, al norte de Belo Horizonte, parece ir en dirección opuesta a la globalización: valora el conocimiento local y construye formas alternativas de economía y socialización que subvierten las lógicas del sistema capitalista hegemónico. Por lo tanto, la feria se presenta como un lugar de lucha política y prácticas culturales no solo por la justa resistencia de los trabajadores, sino también por la presencia de apoyadores de la feria y la valoración de los productos locales, así como por el conocimiento tradicional, y eso convierte a la feria en un poder contrahegemónico. Este estudio se llevó a cabo a través de la investigación-acción, el trabajo de campo y la investigación bibliográfica que intentaba responder preguntas sobre el surgimiento de lugares de resistencia y cultura en la feria Raízes do Campo y la posibilidad de una globalización contrahegemónica a través de los trabajos de la Asociación Amanu.

Palabras clave: Agroecología; Feria; Resistência.

SABERES EM TRÂNSITO: primeiros diálogos

Nosso desejo é tornar esse texto um lugar de diálogo entre saberes; saberes das gentes, tratados como populares, ricos em sabedoria, em conhecimento sobre o mundo, edificado em seus lugares de vida. E os saberes, também da ciência, mesmo que experimentando a liberdade de uma construção em extensão, em diálogo e troca, ainda presos à dureza disciplinar e rigidez da forma. Saberes que se esbarram, transmutam, divergem, mas se abrem para a construção de novas possibilidades de mundo e sociedade, mais justos e solidários.

O que se espera do saber é sua transgressão, e nunca o aprisionamento nos enclaves das institucionalizações e das formalidades. Dar aos saberes a radicalidade do mundo, que não para, não se cansa de inventar novas formas de ser e de falar das diferentes mundanidades. É preciso coragem para tornar o discurso lugar de todas e todos, democracia ativa, lugar do encontro.

As cartografias fundadas pela ciência moderna, desconsideram os traçados alternativos, desprezam o mapeamento dos novos bairros, vilas, favelas, abstrai de sua malha as zonas periféricas, as ruas festivas, os viadutos e vielas. Abdicam da vida que brota dos lugares do cotidiano, da vida pulsante, das vibrações ordinárias que se estendem como potentes resistências e transformações. São lugares de margem, zonas de contato entre diferentes subjetividades, sonhos e utopias. Lugares nas fronteiras, portanto lugares-

travessia; onde o diálogo não é a afirmação de territórios, mas a busca da transformação nas rupturas abertas nas vozes do outro. Torna-se o outro na troca e no contato.

Os saberes da ciência, presos em sua hegemonia sobre as diferentes formas de saber do mundo, e tornando-as periferias do conhecimento, acabam por perder a criatividade, originalidade e sabedoria, a novidade que emana do cotidiano, dos locais de festa e dos lugares de vida.

Nosso desejo, enquanto fazedores de ciência, é migrar para a margem, onde a vida não cansa de se reinventar, onde as tensões são movimentos para a criação do novo e as vozes são múltiplas. Respeito e horizontalidade.

Saberes construídos na mesa, partilha de ideias, conhecimentos e imaginação. A mesa é o lugar da comunhão. Todas e todos assentam-se para compartilhar o grande banquete preparado por mãos que guardam histórias, lembranças e mistérios. Aqui, o alimento é o desejo de um mundo solidário, traçado na diversidade de ser das gentes, edificado no respeito à Terra e a seus frutos, e na busca pela emancipação social.

A mesa é, também, o lugar de partilha da agroecologia. Saber transdisciplinar, que possui nas ciências, movimentos político-sociais, técnicas ecológicas e, especialmente nos saberes locais, o centro de emergência. Um saber de reedificação, desde a saúde da terra, agredida e ameaçada pelo avanço das tecnologias agrícolas modernas e da devastação do solo e das águas, aos saberes tradicionais das gentes, edificados no ordinário de seu labor, circunstanciado em uma geografia existencial, vivida, encarnada. Possibilidade, também, de restauração da ciência e de seus modos de fazer, na busca por metodologias coletivas, no traçado de saberes ambientais e ecológicos, críticos aos desmontes do capital aos diferentes lugares e seus modos de existir. Uma ciência ativa, reinventada nos encontros, diálogos repletos de valores políticos e sociais, que emanam conhecimento cheio de sabedoria, um saber emancipatório. Agroecologia, um saber de restauração.

Na terra onde se desterrou a natureza e a cultura; neste território colonizado pelo mercado e pela tecnologia, a Agroecologia rememora os tempos em que o solo era suporte da vida e dos sentidos da existência, onde a terra era torrão e o cultivo era cultura; onde cada parcela tinha a singularidade que não só lhe outorgava uma localização geográfica e suas condições geofísicas e ecológicas, senão onde se assentavam identidades, onde os saberes se convertiam em habilidades e práticas para lavrar a terra e colher seus frutos (LEFF, 2002, p. 37).

Na trama do trânsito de saberes emerge desejo de restaurar à Terra e sua fertilidade no cultivo de sonhos de diferentes mundos. Caminhamos junto a agricultoras e agricultores da Associação Amanu¹ - Educação, Ecologia e Solidariedade, construindo outras

¹ Sobre a AMANU, ver <<http://associacaoamanu.blogspot.com/>>.

possibilidades de economia, ciência, pesquisa, agricultura e extensão. A Amanu localiza-se no município de Jaboticatubas, vetor norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Está inserida no cerrado brasileiro, margeando a vertente oeste da Serra do Espinhaço, e, dessa forma, abriga uma cultura que brota dos frutos do cerrado, do chão profundo, repleto de mananciais. Chão que faz brotar saberes ancestrais, até hoje cultuados e cultivados nas mãos das gentes que resistem aos avanços da urbanização excludente e da economia de mercado.

São agricultoras e agricultores familiares, que possuem em suas práticas a ecologia e a agricultura natural (PRIMAVESI, 2016), respeito ao solo e aos diferentes cultivos, cuidado às nascentes e aos córregos e valorização da diversidade biológica local. Construíram, também, uma rede de economia solidária, com a fundação da Raízes do Campo, uma feira agroecológica que ocorre quinzenalmente na praça central da sede do município de Jaboticatubas. Além disso, junto a membros técnicos, têm desenvolvido tecnologias sustentáveis, para melhoria do plantio e apoio às novas produções agrícolas.

Há quatro anos estamos juntos da Associação Amanu, através da execução de projetos de extensão na feira Raízes do Campo - *Ações de sustentabilidade na feira agroecológica Raízes do Campo* (2016) e *Sabores e saberes da memória inscritos nas receitas dos produtores da feira agroecológica Raízes do Campo* (2017) - trabalhos de campo em disciplinas do curso de Geografia e Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais, e pesquisas (PALHARES, 2016; MOREIRA; PALHARES, 2017; PALHARES; GONDIM, 2017).

A pesquisa-ação tornou-se, para nós, valiosa para a construção de todos os trabalhos realizados junto à associação, uma vez que nos possibilitou atuar junto aos feirantes, com práticas que respondessem às demandas desses sujeitos. Boaventura de Sousa Santos (2011) traz a importância da pesquisa-ação para a radicalização da Universidade Pública, tornando as pesquisas ações em favor da sociedade e construídas junto aos sujeitos, na invenção de saberes solidários, socialmente responsáveis e críticos. Buscamos articular nossos desejos de pesquisa aos interesses da comunidade, construindo espaços para participação dos sujeitos na realização dos trabalhos, como a realização das oficinas sobre alimentação, cultura e biodiversidade. As oficinas são ferramentas pedagógicas que valorizam os diferentes saberes envolvendo os sujeitos em trocas de experiências e conhecimentos, evidenciadas em um tempo e espaço do cotidiano, sem desprezar as emoções e práticas socioespaciais dos participantes.

No ensejo da busca por construir novos saberes, traçamos, neste texto, reflexões sobre a emergência e novos lugares e outras possibilidades de globalização a partir das ações a Associação Amanu em Jaboticatubas, especialmente, através da feira Raízes do

Campo. Dessa forma, nos aprofundaremos em dois aspectos, objetivos pensados no desenvolvimento de nosso trabalho:

- A emergência da feira agroecológica Raízes do Campo como lugar de resistência, luta política e manifestação cultural.
- A atuação da Associação Amanu como possibilidade de globalização contra-hegemônica.

No caminho de construção de nossas reflexões, buscamos nos aproximar dos estudos de Boaventura de Sousa Santos sobre as diferentes formas de globalização e a formação de resistências aos movimentos hegemônicos desse processo, marcado pela mundialização do sistema capitalista. Nos lugares de vida dos sujeitos manifestam-se diferentes formas de transformação social e radicalização dos discursos hegemônicos, pois neles estão vivos as vontades, emoções, desejos dos sujeitos, corpos políticos lançados à transgressão. Os lugares são vivos nesses corpos historiados, marcados e escoriados por lutas que atravessam dimensões distintas da sociedade. Valorizando os lugares, trazemos nossos questionamentos para os saberes locais, construídos coletivamente, em seu *locus*, a feira agroecológica Raízes do Campo.

Para a construção deste trabalho, optamos, como caminho metodológico, pelo levantamento bibliográfico, para discutirmos conceitos importantes como: globalização, global-local, tradições culturais alimentares e feiras livres; a pesquisa em campo fenomenológica e a pesquisa-ação, para mantermos contato com os pequenos agricultores locais participantes da feira.

VOU FESTEJAR: Dia de Feira!

Buscamos a valorização dos lugares de vida que reinventam formas de viver diante do esfarelamento social, de pressões políticas, negação de direitos e corrupção dos corpos, pelo impedimento da liberdade de expressão, artística, sexual, afetiva. São lugares comuns ao ordinário, mas repletos de manifestações de resistência, política feita na margem, nas práticas cotidianas, na fratura, ainda que breves e estreitas, das estruturas de poder que condicionam, muitas vezes, nossas formas de pensar, agir. Nisso se abrem como festejos, celebração da existência, alegria não contida, saberes e sabores servidos num grande banquete. Hoje, a Feira Agroecológica Raízes do Campo, lugar pleno de diferença e expressão popular, é a celebração viva da colheita, da partilha, da terra, do povo das cidades e das roças que cultivam sonhos e criam, juntos, no chão da praça, utopias. Pequena revolução despretensiosa feita na festa do ordinário, que ali se impregna de sons, sabores,

cheiros, lutas políticas, ações sociais, manifestações culturais. São ações de mundo que se assentam sob um chão ativo, progressista, democrático, atual. Chão que se nega a determinações ou a traçados globalmente estabelecidos, para se dedicar à construção de um futuro concreto, pautado nas diferenças, na liberdade, na solidariedade do multiculturalismo. Que se abre com como a mesa para a comunhão de sonhos, utopias, memórias, histórias, saberes. A mesa é o lugar propício à partilha e à celebração; de entrega ao serviço e ao desejo de ser também alimento. Celebrar a vida, os cultivos e as culturas. A feira é viva em celebração. Dia de feira é dia de festa!

Festejos do povo. Celebrar a vida em comum união, cantar os sonhos e dar ao corpo liberdade para bailar e fazer da luta e da labuta um ato político vivificado na beleza e na expressividade da alegria. A feira inteira é uma festa, desde sua fundação, atrelada às quermesses religiosas, à celebração e ao agradecimento. A feira é a celebração da colheita, o agradecimento e a partilha dos cultivos que, enfim, se colocam à mesa. Celebração das culturas de plantio e de vida. Em Jaboticatubas, a festa atravessa a solidariedade, há o respeito à biodiversidade e ao outro, a valorização dos saberes populares tradicionais e a ocupação dos espaços, da cidade e da economia.

Os lugares, ainda que cheios, também, de discussões, divergências, conflitos, só se sustentam diante do movimento e da troca constante de ideias, diálogo que não cessa para o lugar resistir. Por isso, os lugares não podem ser pensados como permanência, imobilidade, fechados em si mesmos, os quais “a identidade do lugar - o sentido do lugar - se constrói a partir de uma história introvertida” (MASSEY, 2000, p. 182), mas como trânsito constante de trocas entre os sujeitos, reinvenção de ideias e modos de viver, dinâmica entre as diferenças, potência do novo, abertura para o diálogo. São nos lugares que despontam a novidade; deste centro de atração que, por ser construído nos corpos dos sujeitos, é repleto de emoção, criatividade, imaginação. Incapaz de permanecer em si mesmos, os lugares se espriam nos sujeitos que o constroem, sendo assim, vivos nos próprios sujeitos. Os lugares somos nós.

Os lugares emergem do corpo dos sujeitos que o vivem, pois são feitos dessa carne que diariamente é provada, marcada por alegrias, festejos, mas também por dores, por estruturas de controle, poder. O corpo, “essa memória-arquivo ou esse arquivo-vivo-memória aglutina cultura e genética, coaduna imaginários, desejos e carne, justapõe dor, superação e afetos” (CHAVEIRO, 2014, p. 235). Receptáculo de mundo, também o compõe, à medida que se insere e se lança para sua construção, nas experiências coletivas, inventando lugares de solidariedade e diálogo.

“Matéria sensível e vibratória, o corpo é que é mais singular, e o que é mais universal. É nome e Terra” (CHAVEIRO, 2014, p. 253). Nesse movimento, o corpo é o signo da subjetividade, que constrói o sujeito enquanto ser, mas é abertura. Portanto, se insere no todo do mundo, composição universal de saberes, desejos e emoções. Essa multiplicidade de movimentos é o pulso vital dos lugares, sendo o corpo um fazedor e guardador de lugares. Não há vida fora dos lugares, e lugares desligados dos corpos. Corpo é lugar, corpo-lugar, lugar-corpo, “nós só somos capazes de viver e conceber e pensar lugar porque somos corpos. Nós somos os lugares em que estamos. Nós somos os lugares em que nossos corpos estão. E isso se dá por um fato ontológico: o corpo é sensível ao mundo” (DE PAULA, 2011, p. 60).

Das quinze comunidades situadas no município, mais de vinte famílias de agricultores, quitandeiras, produzem para viver, e comercializam sua produção na feira Raízes do Campo quinzenalmente. Essas pessoas criam um espaço não só de troca, de comercialização, mas também de resistência. Jaboticatubas sofre a apropriação do urbano, a partir dos loteamentos e condomínios horizontais, localizados na zona rural do município jaboticatubense, alterando as lógicas de vida desse espaço, os modos de uso e ocupação. “É a pressão do urbano nas bordas do rural; é a pressão do capital imobiliário sobre espaços ainda pouco ocupados” (PALHARES, 2016, p. 1718); é a pressão das gentes negligenciadas pelas políticas públicas; a pressão do conhecimento e tecnologias hegemônicas aos saberes do chão, ancestrais, que unem corpo e Terra.

A Raízes do Campo fundou-se em possibilidade de resistência à apropriação do capital imobiliário, a partir de diálogos entre os agricultores, agricultoras e estudantes recém formados de cursos como Biologia, Filosofia, Turismo e História. A escolha da feira ocorreu por ser lugar possível de encontro entre produtores e consumidores, encurtando as relações, e aproximando os sujeitos para conhecer as práticas, os saberes, para fundar laços e criar redes articuladas de atores sociais, que visam a agroecologia e a economia solidária como potência de transformação social.

A economia solidária é movimento dos agricultores e agricultoras da Raízes do Campo. É repensar as formas de comércio e de relações econômicas estabelecidas socialmente, que prezam pelas práticas singulares das gentes, a diversidade produtiva, preços justos, transparência nos modos de produção, maiores relações entre todos os sujeitos, fundamentando coletividade ao invés da competitividade e do lucro almejado pela economia capitalista hegemônica. Uma economia construída a partir dos saberes locais, das lógicas dos sujeitos, portanto plena de mundo. A vida nos lugares reclama outras lógicas de economia, política, educação e relações sociais. Entretanto, é preciso pensar a economia

solidária dentro dos circuitos econômicos já constituídos pelos sujeitos agricultores. Atropelar as lógicas locais de economia pode, por vezes, destruir as relações estabelecidas historicamente, muitas com potenciais emancipatórias, uma vez que brotam do chão vivido. Dessa forma, é preciso que a economia solidária, enquanto modelo e projeto econômico, se localize, portanto, se constitua a partir das trocas e circuitos econômicos dos sujeitos envolvidos.

Da economia solidária à agroecologia. Movimento social, político, científico e de técnicas agrícolas, que busca repensar as práticas agrícolas a partir da diversidade local, portanto, de respeito ao solo, à sazonalidade dos cultivos, de compreensão do solo como organismo vivo, na construção de uma “agricultura que trabalha com os ecossistemas, embora simplificados, respeitando a natureza, conservando os solos, os cursos d’água, a paisagem e o clima, conseguindo, com isso, uma produção ecológica economicamente melhor e sustentável” (PRIMAVESI, 2016, p. 191).

Contudo, também procura valorizar os saberes locais, compondo, a partir desse fio, novas tramas de produção, cultivo e consumo. As gentes rurais jaboticatubenses possuem, entre suas práticas agrícolas, as agriculturas tradicionais, como a quilombola e a indígena. São meios de cultivo agroecológicos por origem, de respeito ao solo, à disponibilidade de recursos dos sujeitos e edificados na experiência, no conhecimento gestado no cotidiano.

A partir dessas práticas, a agroecologia se construiu na Associação Amanu com os agricultores e agricultoras. Seus saberes falam de suas histórias de vida, e se estendem em modos de cultivo e culturas singulares, produção diversificada, que representa os próprios hábitos alimentares desses sujeitos. Feijões de diversas variedades; hortaliças nativas como beldroega, almeirão, cansanção, alho de todo ano, manjerona; milho, assim como a produção de derivados, como o fubá; mandioca montes claros, xitinha, bico de urubu, amarela; os diversos frutos do cerrado, como pequi, pimenta macaco, coco macaúba, jatobá, mangaba, murici, cajuzinho, licuri, araticum.

São os plantios dos quintais, esse lugar que respira a vida de seus donos, fundo de casa que é abertura aos chegados. “Lugares de pomares e de hortas, de ervas para temperos e medicinais, de galinheiros e chiqueiros, os quintais se transformam em espaços de trocas, de confidências, de lamentos e celebrações” (ARAÚJO; PALHARES, 2018, p. 64), oportuno para construir relações e inventar histórias de vida.

A produção representa os próprios sujeitos, não desgrudada de seu cotidiano. A feira é, dessa forma, cheia de práticas cultivadas no ambiente doméstico, dando-a traços da casa, relações afetivas, construídas a partir dos sujeitos e no contato simbólico, de uma troca além do comercial. A feira é própria; um lugar de fronteira, onde relações antes não

esperadas se estabelecem, fluxos em trânsito disperso, mas que se atraem. Dois ambientes hoje distantes: rua e casa. Público e privado. Seria a feira uma possível transgressão, uma outra possibilidade de vivência dos espaços públicos contemporâneos tão limitados?

Em Jaboticatubas, é a praça central o espaço ocupado pela Feira Raízes do Campo. Ocupar a praça é tomar a cidade inteira; sujeitos que, devido a tantas pressões econômicas e políticas, estavam perdendo o direito de se inserirem nas dinâmicas do município, a seu modo. Recuperam o verdadeiro sentido da praça, de ser lugar do encontro e do diálogo, da conversa despreziosa, da roda de prosa tomando uma cerveja gelada e petiscando os deliciosos bolinhos de feijão miúdo, especialidade da casa. A praça, lugar público, do povo, é tomada inteiramente, tornando-a não só para o povo, mas construída pelo povo. Os feirantes trazem seus fazeres e cultivos, comercializam sua produção, falam de seus plantios, contam histórias de suas famílias, ensinam remédios e rezas. Aprendemos mais do mundo, alimentamos o corpo, com os produtos agroecológicos e os petiscos, e a alma, que se expande inteira ao redescobrir práticas e conhecer outras gentes.

Movimento de ocupação que é cultura e transgressão política. Desses lugares repletos de saberes, que se externalizam não em conferências, mas em breves prosas, enquanto o troco é contado e a pimenta escolhida. Além dos conhecimentos dos feirantes, há espaços para rodas de conversas sobre soberania alimentar, práticas agroecológicas, comida e política, direito à cidade, assim como eventos culturais de artistas locais, cantores e cantores que encontram na arte o sentido e a alegria de viver.

É possível que pensemos, também, na criação de uma política temporal própria. A emergência dos lugares, como a feira Raízes do Campo, se constrói no ordinário da vida dos sujeitos, e, tantas vezes, como forma de fraturar as lógicas formais de tempo e ações do cotidiano, presas aos desmandos de uma estrutura de trabalho e produção. Os valores ali se inventam nas relações estabelecidas, no respeito ao outro e no descobrimento de novas formas de desencadear vínculos. Dessa forma, o tempo é reconfigurado nas ações e nos modos de viver dos sujeitos.

A feira inteira é uma resistência, em seus modos de comercialização, produção e ocupação dos lugares. Transgressão aos meios contemporâneos hegemônicos, fundados na produtividade, no lucro, na negação dos saberes locais em detrimento de uma valorização do desenvolvimento tecnológico e tecnificação do saber. Transgressão feita na celebração diária: celebrar a colheita e o outro. Festejar a cultura, ativa e política, que atravessa tempos, que invade os lugares, que espraia por cima dos muros, desintegrando os territórios de poder, onde é negado às vozes o direito de fala. Ali, no pequeno município da periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte, a resistência dança entre batuques, solidariedade,

trocas, diálogo, performances, cultura e arte. Resistência que fratura estruturas de poder, o mercado, as políticas centralizadoras e os conhecimentos técnicos do mundo.

ALTERNATIVAS À GLOBALIZAÇÃO HEGEMÔNICA

Diferentes fenômenos de globalização se espacializam em velocidades e forças distintas tomando os lugares de distintas formas, diante das multiplicidades de dinâmicas locais. Diferentes fenômenos de globalização se hierarquizam à medida que se difundem, onde poucos suplantam outras tentativas de tornar experiências locais em globais. Diferentes fenômenos de globalização, muitas vezes, entram em conflito, uns por controle, domínio dos lugares através da economia, política e cultura, outros por resistência, para valorizar os lugares e seus saberes.

Aquilo que habitualmente designamos por globalização são, de fato, conjuntos diferenciados de relações sociais; diferentes conjuntos de relações sociais dão origem a diferentes fenômenos de globalização. Nestes termos, não existe estritamente uma entidade única chamada globalização; existem, em vez disso, globalizações; em rigor este termo só deveria ser usado no plural (SANTOS, 1997, p. 107).

É impossível negar a existência de uma territorialização globalizada do capital, através do controle dos mercados e da produção, de padrões culturais de consumo e de cultura, que adentra os corpos e os modelos sociais de organização do espaço. A esse movimento, Boaventura de Sousa Santos (1997) chamou de globalização hegemônica, desenvolvida a partir dos países centrais, na busca da regulação de modos de fazer, produzir e pensar das gentes, que marca a história do desenvolvimento do capitalismo e da sociedade ocidental moderna.

O processo de globalização que nós, hoje, assistimos não é, efetivamente novo; nas suas versões hegemônicas existe, pelo menos, desde os séculos XV e XVI e está muito ligado às formas de expansão europeia, nascimento do capitalismo e tem se expandido cada vez mais, incorporando cada vez mais pessoas e se sujeitando à lei de mercado e à lei de valor cada vez um número maior de atividades, produtos e serviços (SANTOS, 2003, p. 06).

Longa construção histórica do modelo hegemônico de globalização vigente; controle da vida econômica e mercantilização da vida; expansão territorial inerente ao desenvolvimento do capitalismo, ora como apropriação de territórios, ora como influência e destruição das territorialidades; globalização hegemônica como busca contínua de uma revolução cultural. Movimento que se desenvolve a partir da criação de monoculturas, de controle dos tempos, dos saberes, das produções e das distintas identidades.

Em Jaboticatubas, os processos de apropriação pelos condomínios horizontais, os loteamentos, a falta de espaço para comercialização da produção diversificada, a chegada de técnicas modernas de plantio, com uso de biocidas, são marcas expressivas de globalização, que se inserem em diferentes dimensões.

A globalização hegemônica pode ser pensada dentro de uma monocultura do tempo, onde o desenvolvimento dos lugares é pensado dentro de uma perspectiva linear, fundada numa estrutura de pensamento e no desenvolvimento do sistema capitalista, da economia de mercado, fundamentado exclusivamente nas experiências de países centrais, EUA e países europeus. A “monocultura do tempo linear, a idéia de que a história tem um sentido, uma direção, e de que os países desenvolvidos estão na dianteira” (SANTOS, 2007, p. 29), dessa forma, os lugares que se distanciam desses processos passam a ser classificados como atrasados, simples, primitivos, pré-modernos. O movimento que desqualifica as diferentes formas de apropriação do espaço, as diversas identidades e processos de desenvolvimento.

Enquanto monocultura do saber, tem-se uma globalização que busca eliminar os saberes locais em função de conhecimentos produzidos a partir da ciência e de diversas novas tecnologias nocivas aos sujeitos e à biodiversidade no campo brasileiro. O movimento conhecido como Revolução Verde inicia um período de desqualificação das técnicas e saberes tradicionais das gentes para a inserção de métodos modernos de plantio, baseados na utilização de agrotóxicos, transgênicos e a intensificação de culturas únicas. As políticas econômicas hegemônicas atuam eliminando as formas alternativas de conhecimento, produção e práticas, na busca de controle da sociedade, de seus modos de fazer e de viver, assim como no domínio da Terra, impossibilitando-a de sua produção diversificada. A eliminação dos modos alternativos são acompanhados por sua degradação epistemológica, classificando-os como atrasados, improdutivos, arcaicos, rudimentares. O mesmo acontece com a biodiversidade, conforme aponta Vandana Shiva (2000), física, ativista e ecofeminista indiana:

Portanto, a floresta natural, com toda a sua diversidade é vista como “caos”. A floresta fabricada pelo homem é “a ordem”. A administração científica das florestas tem, por conseguinte, uma clara tendência antinatureza e uma inclinação evidente pelos objetivos industriais e comerciais, aos quais a floresta natural deve ser sacrificada (SHIVA, 2002, p. 37).

A monocultura do produtivismo capitalista pode se aplicar tanto à natureza quanto ao trabalho. Como afirma Boaventura de Sousa Santos (2007), “é a ideia de que o crescimento econômico e a produtividade mensurada em um ciclo de produção

determinam a produtividade do trabalho humano ou da natureza, e tudo o mais não conta” (SANTOS, 2007, p. 31), invisibilizando outras forma de produção, que prezam o consumo próprio, as diversidades, que estruturam o tempo de trabalho em uma lógica que respeite as dinâmicas da natureza. Ainda nas palavras de Boaventura, “tudo o que não é produtivo nesse contexto é considerado improdutivo ou estéril. Aqui, a maneira de produzir ausência é com a ‘improdutividade’” (SANTOS, 2007, p. 32).

Entretanto, por considerar a existência de globalizações, podemos perceber, dentro da complexidade das dinâmicas sociais, especialmente da atuação da Associação Amanu, assim como da Feira Agroecológica Raízes do Campo, a emergência de uma globalização contra- hegemônica, pensada, também, como ecologias. Nos caminhos de resistência e luta à globalização, é necessário “substituir as monoculturas pelas ecologias, e o que lhes proponho são cinco ecologias, em que podemos inverter essa situação e criar a possibilidade de que essas experiências ausentes se tornem presentes” (SANTOS, 2007, p. 32). Nos aprofundaremos em três, a partir da experiência da associação Amanu, em resposta às monoculturas globais hegemônicas.

Essas são, em meu entender, as iniciativas locais que nós temos vindo a identificar em vários países, as quais, ao se articularem com outras no seu cotidiano, na sua forma de formular problemas, de organizar as lutas, de estabelecer as agentes políticas, etc., articulam-se com outros grupos e, ao fazê-lo, globalizam. Globalizam segunda uma lógica que é alternativa à lógica do capital. Pelo contrário, é uma lógica emancipatória, não necessariamente anti-capitalista: em alguns casos sê-lo-á, em outros não, em alguns casos se designará como socialista, em outros nem por isso, mas é sempre algo que é alternativo à situação presente de globalização hegemônica (SANTOS, 2003, p. 10).

A ecologia das temporalidades, a partir da valorização dos processos locais de desenvolvimento, pensados a partir das lógicas físico-naturais de produção, da agricultura familiar, é inserida em tempos estacionais e em lógicas domésticas de trabalho. Ao valorizar as estruturas locais de tempo, a Associação Amanu potencializa os diferentes movimentos dos lugares, dando espaço para se pensar a produção e o desenvolvimento social a partir da lógica de vida dos sujeitos, em diálogo e respeito com o ambiente.

A ecologia dos saberes, no qual se entende uma ampliação dos diálogos entre os saberes e a valorização do saber das gentes, onde a “ciência entra não como monocultura mas como parte de uma ecologia mais ampla de saberes, em que possa dialogar com o saber laico, com o saber popular, com o saber dos indígenas, com o saber das populações urbanas marginais, com o saber camponês” (SANTOS, 2007, p. 33). Ao pensar a criação e ação da associação Amanu, podemos ver a intensa troca de saberes, através de diálogos

constantes entre os sujeitos, mas que se estruturam na voz e no saber popular dos agricultores e agricultoras.

Da ecologia das produtividades, em resposta à monocultura do produtivismo capitalista, que “consiste na recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, das organizações econômicas populares, das cooperativas operárias, das empresas autogestionadas, da economia solidária [...]” (SANTOS, 2007, p. 36). A dinâmica reanimada a partir da fundação da Associação Amanu, que preza os cultivos tradicionais alternativos, construídos, e novas formas de cultivar, atualiza e renova os processos de produção. As práticas e saberes agroecológicos são fundamentais na construção de uma produção socialmente viva. Como trazido por Leff (2002), a agroecologia é um conjunto de saberes e técnicas ecológicas que precisam se metamorfosear a partir da realidade vivida dos sujeitos.

A Agroecologia não é somente uma caixa de ferramentas ecológicas para ser aplicada pelos agricultores. Da maneira como é trabalhada por Altieri, Gonzáles de Molina, Sevilla ou Gliessman, as condições culturais e comunitárias em que estão imersos os agricultores, sua identidade local e suas práticas sociais são elementos centrais para a concretização e apropriação social de suas práticas e métodos (LEFF, 2002, p. 39).

Dentro da reinvenção dos processos de produção, a prática da economia solidária presente no desenvolvimento da feira Raízes do Campo se insere dentro do processo de resistência à economia capitalista, que se fundamenta no produtivismo, na competitividade e no lucro. Além disso, a economia solidária evidencia o protagonismo e a coletividade dos sujeitos, portanto de suas práticas singulares, vivas em seus lugares de vida.

A Associação Amanu tem construído redes dentro da Região Metropolitana de Belo Horizonte, criando, assim, redes de produtores, agricultoras, agricultores, pesquisadores e comerciantes, que têm a produção agroecológica como central em suas formas de produção. Insere-se, também, a Associação Amanu, em movimentos globais como o *Slow Food*, que surgiu na Itália, mas dispersou-se pelo mundo, na busca da valorização dos saberes locais e na recuperação de alimentos, receitas e práticas alimentares.

Através de uma rede solidária, os convives da cultura *Slow Food* trocam conhecimentos, saberes, ideias e experiências alimentares. Os encontros promovidos não representam a finalidade do projeto, mas sim, a abertura de portas para a difusão da cultura da comida lenta e chamam a atenção para o tempo que devemos dedicar ao ato de comer, de degustar com prazer o alimento em meio à vida turbulenta dos centros urbanos (PALHARES; GONDIM, 2017, p. 02).

As ecologias não são modelos, sendo potências criadas nos lugares, por isso há tantas ecologias de resistência possíveis como há lugares no mundo. Ao pensar a Associação Amanu como globalização contra-hegemônica, buscamos evidenciar seu importante papel dentro do município de Jaboticatubas e seus ecos globais, a partir de redes de produtores e comerciantes agroecológicos, educação ambiental e participação e atuação junto ao *Slow Food*. É preciso valorizar e fortalecer as tentativas de resistência aos desmontes do capital, movimentos que agitam e vibram os lugares, criando novas formas de pensar, produzir e viver, pensadas a partir da produção alternativa, da biodiversidade, da diversidade cultural e da democracia ativa e coletiva.

CHEGADAS E PARTIDAS

Na impossibilidade de conclusão, o texto emerge como abertura para outros pensamentos, outras formas de ler o mundo e de vivê-lo: um texto lugar-travessia de leitura do mundo e suas complexas dinâmicas. A multiplicidade de forças que atuam no espaço deveriam encaminhar nossas teorias e metodologias. Nossas lutas. Nossas políticas. É preciso traçar cartografias complexas em um tempo onde as tensões não possuem um pulso único, uma origem equivalente.

No município de Jaboticatubas, a Feira Agroecológica, promovida pela Associação Amanu, desponta como lugar de celebração cultural, resistência e luta política, a partir da ação dos diferentes sujeitos que a compõem: comerciantes, agricultores e agricultoras, quitandeiras e consumidores. Lugar, pois, é feito nas corpos dos sujeitos, a partir de suas histórias, sentimentos e expressões, e nas relações solidárias, afetivas e coletivas que são construídas no espaço da Raízes do Campo. Realizada na praça central municipal, é uma forma de apropriação do espaço público e de direito à cidade.

A atuação da Associação Amanu no município de Jaboticatubas, pode ser compreendida como forma de globalização contra-hegemônica, pois transgride as formas hegemônicas de economia, produção e manifestação cultural, produzidas a partir de diferentes estruturas do capital. A partir da agroecologia, da economia solidária, da rede de atores sociais e da participação no *Slow Food*, a Amanu tem transformado lugares, e construído outras maneiras de viver e produzir.

Ainda há caminhos para trilhar: a atuação junto ao poder público, em um maior apoio aos agricultores e agricultoras, e na criação e efetivação de políticas públicas que favoreçam a produção familiar agroecológica e que contribuam para o fortalecimento dos comércios populares. Além disso, dentro de uma resistência que se fez do povo, é

necessário uma aproximação mais ativa de coletivos e grupos agroecológicos, mas também de movimentos sociais de luta por terra, pela educação, de descolonização dos corpos, como o movimento feminista, LGBTQI e negro, a fim de fortalecer as lutas e valorizar os lugares dos sujeitos, que são vivos em diferentes dimensões. A abertura das lutas é também a abertura dos lugares, que não pode se findar em si próprios, mas sempre manter diálogos e se transformar a partir daqueles que o constroem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vanessa dias de; PALHARES, Virgínia de. Extrapolando as cercas: o sentido de quintal em André do Mato Dentro, Santa Bárbara-MG. **Revista GEONORDESTE**, v. 1, p. 58-72, 2018.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e lugar: elos de produção da existência. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. In: **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo, Perspectiva, 2014. p. 279-303.

DE PAULA, Fernanda Cristina. Sobre geopoéticas e a condição corpo-terra. **Geograficidade**, v. 5, número especial, primavera 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/geograficidade2015.50.a12928>>. Acesso em: 10 out. 2019.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, jan./mar. 2002.

MASSEY, Doreen. O sentido global do lugar. In: ARANTES, Antonio A. (Org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

MOREIRA, Matheus Rodrigues; PALHARES, Virgínia de Lima. O papel da extensão universitária na comunidade: a Feira agroecológica Raízes do Campo. In: CONGRESSO DE INOVAÇÃO E METODOLOGIAS DE ENSINO SUPERIOR, 3., 2017, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2017.

PALHARES, Virgínia de Lima; GONDIM, Ludmila Pereira. O *slow food* como alternativa para o desenvolvimento local sustentável em Jaboticatubas-MG. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 8.; SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 9., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2017.

PALHARES, Virgínia de Lima. Feira agroecológica, permanência em pequena cidade. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE PEQUENAS CIDADES, 4., 2016, Ituiutaba. **Anais...** Ituiutaba-MG: UFU, 2016.

PRIMAVESI, Ana Maria. **Manual do solo vivo:** solo sadio, planta sadia, ser humano sadio. 2. ed. rev. São Paulo: Expressão Popular, 2016. 205 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 48, jun. 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. Entrevista concedida a Luís Armando Gandin e Álvaro Moreira Hypolito. **Currículo sem Fronteiras**, v. 3, n. 2, p. 5-23, jul./dez. 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2000.

Como citar este artigo:

ABNT

MOREIRA, M. R.; PALHARES, V. L. Saberes agroecológicos na franja metropolitana de Belo Horizonte: uma resistência à globalização hegemônica. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 6, e202025, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202025>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

APA:

Moreira, M. R.; & Palhares, V. L. (2020). Saberes agroecológicos na franja metropolitana de Belo Horizonte: uma resistência à globalização hegemônica. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 6, e202025. Recuperado em 25 janeiro, 2020, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202025>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2020, Universidade Federal do Maranhão.

